



O que o futuro reserva para o segmento de imprimir e escrever?

Porta-vozes do setor lançam olhar atento sobre o cenário atual e traçam suas perspectivas para este e os próximos anos

Os constantes avanços tecnológicos dos meios digitais, aliados a um dinamismo e a uma acessibilidade cada vez maiores, reacendem uma dúvida que há tempos ronda a indústria papelreira: o fim do segmento de imprimir e escrever (I&E) está próximo, diante do fortalecimento de tamanhas ameaças?

Players, consultorias e entidades do setor são convictos ao responder que não. A justificativa está no fato de que, embora o segmento passe por um período de forte pressão em todo o mundo, inúmeros aspectos positivos têm força suficiente para aplacar o pessimismo, especialmente no Brasil e no restante da América Latina.

Como exemplo de força motora que rege o segmento de papéis gráficos e traz boas perspectivas, Manoel Rodrigues Neves, gerente de Estudos Econômicos da Pöyry, cita a melhoria dos padrões educacionais brasileiros, incluindo o aumento dos índices de leitura. “Os países emergentes ainda apresentam esse *gap*. Por isso, há margem para crescimento”, diz ele, destacando um dos motivos que o levam a acreditar no bom desempenho.

A visão de Nilson Cardoso, diretor Comercial da International Paper, segue na mesma direção. Ele justifica que não acredita no fim da utilidade dos papéis de imprimir e escrever, apontando estudos que demonstram a relação do consumo do papel ao incremento de fatores socioeconômicos, como melhorias do poder aquisitivo e

Por Caroline Martin
Especial para O Papel



SHUTTERSTOCK / FMAAS

da escolaridade da população. "Com o impulso desses fatores, esperamos crescimento anual de cerca de 3% na demanda de papel não revestido na América Latina entre 2013 e 2017", prospecta.

A respeito dos impactos causados pelo crescente acesso aos meios eletrônicos, Cardoso também afirma não acreditar na substituição que muitos especulam. "Pelo contrário, vejo que, em muitos aspectos, os veículos digitais até impulsionam a utilização do papel. Uma vez que as pessoas têm mais acesso às informações, preferem imprimir o que consideram mais relevante ou o que precisa ser arquivado", pontua.

Ainda sob a ótica do executivo da IP, é fato que tanto as mídias impressas quanto as digitais terão de fortalecer o caráter sustentável para poder sobreviver em meio à crescente competitividade. "Nossas escolhas deverão ser baseadas em uma análise comparativa, fundamentada em dados do ciclo de vida, descarte, consumo de matérias não renováveis e de energia, além do impacto ambiental total", acredita Cardoso sobre o comportamento do consumidor que tende a se intensificar nos próximos anos.

Resultados de 2012 comprovam bom desempenho

Dados da *Conjuntura Bracelpa* (publicação mensal da Associação Brasileira de Celulose e Papel) mostram que, em 2012, a produção de papel de I&E somou 2,635 milhões de toneladas, resultado similar ao apre-

sentado no ano anterior, que totalizou a produção de 2,680 milhões de toneladas. Já a produção de papel imprensa passou das 129 mil toneladas em 2011 para 131 mil no último ano.

Ainda de acordo com a *Conjuntura Bracelpa*, as vendas domésticas do segmento de I&E totalizaram 1,688 milhão de toneladas em 2012, com variação positiva de 3,6% em comparação ao ano anterior. O incremento das vendas domésticas de papel imprensa foi ainda maior, totalizando 132 mil toneladas e variação positiva de 9,1% em relação a 2011.

Mais balanços positivos podem ser vistos na queda das importações, que apresentaram retração de 5,4% no segmento de I&E: as 699 mil toneladas importadas em 2011 caíram para 661 mil no último ano. As importações de papel imprensa passaram de 406 mil toneladas em 2011 para 387 mil em 2012, resultando em uma retração de 4,7%.

"Em um ano em que o PIB foi de menos de 1%, os incrementos são bastante positivos", avalia o diretor comercial da IP sobre o balanço de 2012. A respeito das expectativas que circundam o ano atual, Cardoso afirma que a companhia espera um crescimento alinhado aos avanços da economia brasileira.



SÉRGIO BRITO

Neves cita a melhoria dos padrões educacionais brasileiros, incluindo o aumento dos índices de leitura, como uma das forças motoras que regem o segmento de papéis gráficos

O executivo ressalta que o País é visto como plataforma de crescimento na América Latina. Esse, inclusive, é um dos motivos que levam a IP a continuar investindo anualmente nas unidades de produção instaladas por aqui. “Os investimentos objetivam otimização e melhoria de processos. Neste ano, concluímos a construção da nova caldeira de biomassa na fábrica de Mogi Guaçu. Com investimento de US\$ 90 milhões, a nova caldeira, que substituiu outras três existentes, tem capacidade de gerar 210 toneladas de vapor por hora”, revela ele sobre o valor, correspondente ao abastecimento de energia elétrica para 40 mil residências. Com o novo equipamento, o sistema integrado de manufatura – composto pelas produtoras de celulose e papel em Mogi Guaçu e Luís Antônio, no interior de São Paulo, e pela fábrica de papel em Três Lagoas, no Mato Grosso do Sul – passou a alcançar mais de 90% de autossuficiência energética.

Outro investimento concluído pela IP neste ano entrou em funcionamento na fábrica de Mogi Guaçu: a nova cortadeira de alta precisão permite o aumento da capacidade de produção em 8 mil toneladas por ano de papéis offset, destinados ao setor gráfico.

Ainda abordando os investimentos realizados pela companhia no Brasil, Cardoso ressalta que a IP está sempre em busca das melhores oportunidades para seus negócios. O acordo com a Fibria, que estende o prazo para a decisão sobre a instalação da segunda máquina de papel na fábrica de Três Lagoas, foi renovado recentemente.

Pelo acordo, caso a IP se decida pela ampliação, a nova máquina entrará em operação entre o segundo trimestre de 2016 e o segundo trimestre de 2018. “O investimento aumentará a capacidade do sistema integrado de manufatura em 250 mil toneladas, reforçando a posição de liderança da companhia na América Latina”, completa ele sobre o planejamento.

Os resultados da Suzano Papel e Celulose referentes ao primeiro trimestre deste ano também demonstram que a empresa vem usando o incremento da demanda doméstica a seu favor. As vendas de papel do período alcançaram 269.400 toneladas, sendo que as vendas para o mercado interno representaram 68,2% no 1T13 (primeiro trimestre de 2013) em comparação com 61,6% no 1T12 (primeiro trimestre de 2012) e 70,7% no 4T12 (quarto trimestre de 2012). A Américas do Sul (incluindo Brasil) e Central, regiões foco da Suzano, absorveram 81,5% das vendas da companhia no trimestre.

Os números do trimestre mantêm a Suzano na liderança em papéis para imprimir e escrever no Brasil, com vendas de 139.100 toneladas no mercado interno. O

volume de vendas desses papéis foi 10,3% superior ao do 1T12. Já a receita líquida de vendas de papel atingiu R\$ 617,8 milhões no 1T13.

Segundo Walter Schalka, presidente da companhia, tal desempenho deveu-se ao maior preço líquido médio do papel no período em comparação ao 1T12. “A implementação do aumento está acontecendo de forma gradativa, respeitando e cumprindo contratos”, informa. Na visão do executivo, os números refletem uma evolução importante em comparação aos resultados do primeiro trimestre do ano passado. “Embora seja apenas um passo, trata-se de um avanço significativo para nós”, avalia.

Outros aspectos que resultaram nos números positivos foram o aumento de participação no mercado interno e a redução das despesas gerais e administrativas. “Houve uma redução de 4,4% nas despesas na comparação entre o 1T13 com o mesmo período de 2012. Isso quer dizer que conseguimos não repassar a inflação ao custo e ainda obter queda nominal de 4,4%”, reforça Schalka sobre esse último fator.

Para conquistar a almejada redução de despesas, Schalka diz que o enfoque da administração está sendo direcionado a duas grandes atividades. A primeira delas é a gestão da rotina em busca de eficiência e ganhos de curto prazo. “Nesse contexto, há uma multiplicidade de atividades e oportunidades que a empresa captura em todas as áreas.”

O segundo ponto ao qual a Suzano vem dedicando atenção está relacionado ao projeto de redução do custo estrutural, com realizações em médio e longo prazos. “O câmbio ainda é uma questão não resolvida no Brasil.



DIVULGAÇÃO SUZANO

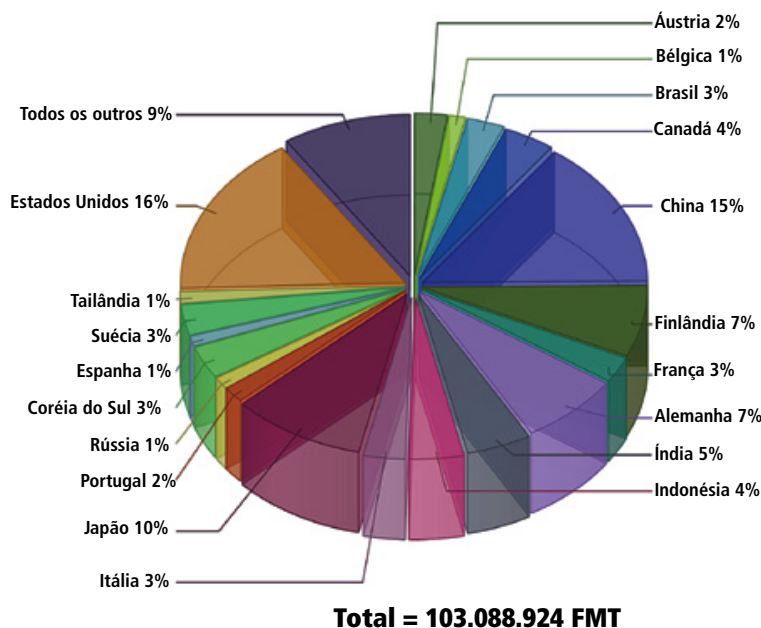
Suzano Report® Multituso é um dos produtos que compõem o portfólio da Suzano Papel e Celulose

Em busca de ganho logístico, Suzano passará a produzir cut size na fábrica de Mucuri



DIVULGAÇÃO SUZANO

Market share mundial de I&E



Fisher International é uma empresa de consultoria com dados e estudos analíticos exclusivos que dão suporte a tomadas de decisão na indústria de celulose e papel. FisherSolve™ é a ferramenta principal de bancos de dados e estudos analíticos para esta indústria, desenvolvida pela Fisher International para por à sua disposição a força da tomada de decisão fundamentada em dados consistentes

Temos de preparar a empresa para esse cenário”, justifica o presidente. Dentro desse conceito mais amplo, Schalka revela que, trimestralmente, a empresa apresentará ao mercado ações que visam reduzir custos. Atualmente, quatro projetos estão em andamento, três já em desenvolvimento na unidade de Mucuri (BA). “Instalaremos uma caldeira de biomassa na Linha 1, que permitirá a redução no consumo de óleo; faremos uma conexão entre nossa produção de energia e a da rede, a fim de comercializar os cerca de 8 MW excedentes; por fim, passaremos a produzir cut size nessa fábrica, o que trará um significativo ganho logístico.”

Sobre o quarto projeto, o executivo informa que um digestor de alta tecnologia será instalado na planta de Suzano (SP). “A partir da instalação, que deve ser concluída no segundo trimestre de 2015, a eficiência da fábrica será muito maior, com a redução do consumo de vapores e, conseqüentemente, de gás”, completa Schalka.

Papéis revestidos ainda sofrem desvantagens competitivas

Embora os resultados dos papéis de imprimir e escrever de fibra química virgem (woodfree) tragam boas notícias sobre o desempenho da indústria nacional de papel, outros segmentos patinam em decorrência de uma série de dificuldades. É o caso dos papéis revestidos, que ainda enfrentam a forte concorrência dos importados.

Para Carlos Alberto Farinha e Silva, vice-presidente da Pöyry, um dos motivos de perda de competitividade desses tipos de papel está no fato de conter menos fibras do que as versões woodfree. “Cerca de 40% da composição dos papéis revestidos é carga mineral. Considerando-se que o grande trunfo dos fabricantes brasileiros está na celulose, trata-se de um valor considerável”, aponta.

À perda de competitividade desses papéis somam-se desvios de finalidade do papel imune. Na prática, papéis vendidos para a produção de livros e periódicos, que tradicionalmente têm isenção de alguns impostos, acabam sendo ilegalmente destinados a outros fins, que não deveriam contar com a imunidade de tributos. A Bracelpa estima que o desvio de finalidade no País seja superior a 600 mil t/ano.

“De 2012 para cá, notamos inúmeros avanços na fiscalização do papel imune. Esperamos continuar vendo esses resultados em 2013”, comenta o diretor comercial da IP. Cardoso refere-se ao trabalho encabezado pela Bracelpa, que resultou em progressos por parte do governo federal, a partir do recadastramento das empresas com fins editoriais, e por parte do governo do Estado de São Paulo, que implantou o Sistema de Reconhecimento e Controle das Operações com Papel Imune (Recopi).

Ainda sobre o sistema, o executivo da IP destaca que outros Estados brasileiros vêm avaliando a possibilidade de adesão. “Embora existam algumas iniciativas contrárias ao Recopi Nacional, vemos como uma medida bastante positiva. A Bracelpa tem apresentado números que deixam clara a importância da manutenção de um sistema mais abrangente”, opina.

Schalka, presidente da Suzano, ressalta que a leve queda no volume de importações de papel vista no Brasil recentemente impactou de modo positivo os resultados apresentados pela empresa, que registrou crescimento de 8,9% na produção de papel revestido no 1T13. A variação mostra que as 48 mil toneladas produzidas nos primeiros três meses de 2012 passaram a 52 mil toneladas no mesmo período deste ano. “A questão do papel imune é crônica e ainda não foi totalmente solucionada, mas vem melhorando gradativamente”, pontua, com visão otimista.

Conjunto de gargalos inibe investimentos

Além da concorrência desleal de papéis importados ilegalmente como imunes, outros entraves prejudicam a competitividade dos players nacionais na produção de papéis gráficos. Alto custo da energia elétrica, logística interna deficiente, alta e complexa carga tributária, além de elevado custo de químicos, formam o conjunto de fatores negativos.

A combinação de aspectos desfavoráveis gera um ciclo que inibe os fabricantes nacionais a investir na indústria de papel. Dos cerca de R\$ 26 bilhões investidos no setor de celulose e papel entre 2007 e 2011, apenas R\$ 8 bilhões, em média, foram destinados a projetos da indústria de papel, ao passo que os segmentos de celulose e florestal registraram investimentos de R\$ 12,5 bilhões e R\$ 5,4 bilhões, respectivamente.

Os números são ainda mais discrepantes quando dizem respeito às estimativas de investimentos futuros. De acordo com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), de 2012 a 2016 a indústria de celulose e papel deve investir um montante de quase R\$ 37 bilhões. Desse total, cerca de R\$ 23 bilhões serão destinados a projetos de celulose, R\$ 7,5 bilhões a projetos de papel e R\$ 6,3 bilhões a projetos florestais.

André Barros da Hora, gerente do BNDES e coordenador do Comitê Executivo de Celulose e Papel no Plano Brasil Maior, e André Carvalho Foster Vidal, também representante do BNDES, afirmam que a ausência de mais projetos de expansão no setor não se deve às formas de



financiamento. “Nos últimos anos, o único grande projeto de I&E que ocorreu no Brasil foi a planta da International Paper (com capacidade de 200 mil t/ano), em Três Lagoas, inaugurada em 2008. No mais, houve apenas pequenas melhorias e eliminação de gargalos. A Suzano, por exemplo, não teve problemas em conseguir *funding* para seus recentes projetos. Por isso, não acredito que o problema esteja na falta de financiamento”, contextualiza da Hora.

Na visão dos porta-vozes do BNDES, existem fatores estruturais que limitam o potencial de investimento no segmento de I&E no País. Entre tais fatores, Vidal destaca a sobrecapacidade mundial, vista tanto nos países desenvolvidos quanto na China. “No caso dos primeiros, a retração na demanda local, em decorrência da concorrência com as mídias digi-

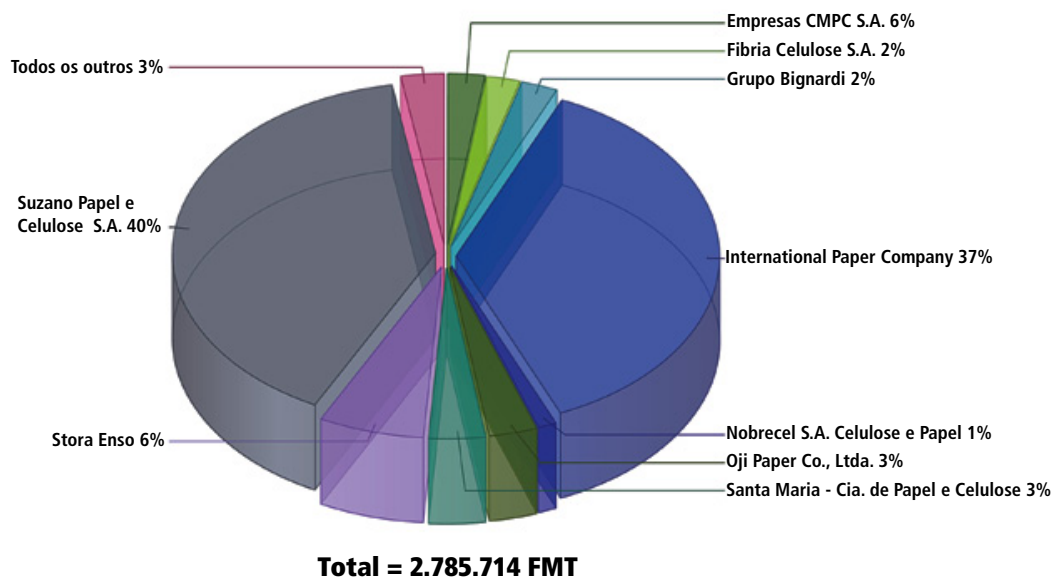
Na visão de André da Hora, porta-voz do BNDES, diversos fatores estruturais limitam o potencial de investimento no segmento de I&E no Brasil

Ranking mundial de I&E

| Classificação | Empresa | Produção de Papéis de I&E (Mil t/ano) | N.º de Máquinas de Papel em Operação |
|---------------|--------------------|---------------------------------------|--------------------------------------|
| 1 | UPM | 9.068 | 36 |
| 2 | APP | 6.710 | 35 |
| 3 | Stora Enso | 5.852 | 26 |
| 4 | Sappi | 5.016 | 24 |
| 5 | IP | 4.753 | 33 |
| 6 | Nippon | 3.849 | 40 |
| 7 | NewPage | 3.190 | 16 |
| 8 | Domtar | 2.888 | 19 |
| 9 | Oji | 2.534 | 29 |
| 10 | Burgo | 2.491 | 15 |
| 11 | Shandong Chenmings | 2.055 | 12 |

Fonte: FisherSolve™, ano 2013

Market share brasileiro de I&E



Fisher International é uma empresa de consultoria com dados e estudos analíticos exclusivos que dão suporte a tomadas de decisão na indústria de celulose e papel. FisherSolve™ é a ferramenta principal de bancos de dados e estudos analíticos para esta indústria, desenvolvida pela Fisher International para por à sua disposição a força da tomada de decisão fundamentada em dados consistentes

tais, tem levado os produtores a buscar, cada vez mais, a exportação como única saída para se manterem no mercado. Ainda assim, diversos produtores menos competitivos vêm fechando capacidades. No caso da China, nos últimos anos, observa-se a adição de novas e modernas máquinas de altíssima escala (chegando ao patamar de 1 milhão de t/ano), em ritmo superior ao crescimento da demanda, de modo que o país passou de importador líquido a exportador líquido”, detalha.

Como resultado desse contexto internacional, países emergentes, como o Brasil e o restante da América Latina, são o destino final do excesso de capacidade instalada. “A situação se agrava, pois os papéis de I&E, junto com o de imprensa, são os papéis mais negociados internacionalmente, sendo cerca de 40% da produção mundial destinada à exportação”, completa da Hora.

Os representantes do BNDES ainda chamam a atenção para outra questão desvantajosa: o baixo consumo *per capita* nacional. “Novas máquinas de papel com a mínima escala necessária para serem competitivas acabariam obrigadas a destinar, ao menos num primeiro momento, parte substancial de sua produção a exportação. Nesse caso, além do acirramento da competição global citada anteriormente, fatores como a infraestrutura logística deficiente e a distância para os principais mercados consumidores reduzem a rentabilidade do exportador brasileiro.” ■

Ranking brasileiro de I&E

| Classificação | Empresa | Produção de Papéis de I&E (Mil t/ano) | N.º de Máquinas de Papel em Operação |
|---------------|-------------------|---------------------------------------|--------------------------------------|
| 1 | Suzano | 1.108 | 4 |
| 2 | IP | 1.031 | 3 |
| 3 | Stora Enso | 180 | 1 |
| 4 | Santa Maria | 97 | 1 |
| 5 | Oji | 83 | 1 |
| 6 | CMPC | 63 | 1 |
| 7 | Bignardi | 62 | 1 |
| 8 | Fibria | 57 | 1 |
| 9 | Nobrecel | 32 | 1 |
| 10 | KM Papel | 25 | 1 |
| 11 | Multiverde Papéis | 18 | 1 |

Fonte: FisherSolve™, ano 2013